

Juventudes, trauma e segregação, por Andréa Máris Campos Guerra, Ana Carolina Dias Silva, Rodrigo Goes e Lima

RESENHA/RESEÑA POR

Débora Ferreira Bossa

Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9296-3581>

Adolescências plurais: juventudes, trauma e segregação



O livro *Juventudes, trauma e segregação*, organizado por Andréa Máris Campos Guerra, Ana Carolina Dias Silva e Rodrigo Goes e Lima, reuniu estudos desenvolvidos por vários autores e autoras que dedicaram suas linhas de estudos e investigações para desbravar o campo da adolescência e os processos de adolecer na contemporaneidade, colocando ênfase na dimensão geopolítica.

O título é chamativo e se apresenta como um convite para pensar sobre alguns alicerces da pluralidade da adolescência contemporânea, a saber: o tempo de passagem para a vida adulta; o tempo de redescobertas e elaborações psíquicas; e a adolescência brasileira calcada sobre o solo da colonização e da economia capitalista.

Na tríade juventudes, trauma, segregação, o livro nos convida a considerar a juventude como experiência social e compartilhada; o trauma como vivência singular, que por seu estatuto de impossível simbolização retorna no real; e a segregação como agenciamento coletivo que coloca em cena o antagonismo binário e evidencia, como elemento geopolítico, a necessidade da descolonização da psicanálise.

O interesse comum em investigar as adolescências, o trauma e os efeitos da segregação uniram pesquisadores/as de diferentes instituições em âmbito nacional e internacional, de modo que o livro representa a confluência de esforços para a construção de uma psicanálise sustentada pela dimensão clínico-política e enlaçada com as problemáticas geopolíticas que atravessam as subjetividades. Com isso, apresenta resultados de pesquisas engajadas com o avanço da criminalidade que acomete as juventudes das periferias dos grandes centros urbanos.

O livro consolidou o resultado de dois anos de pesquisas colaborativas e articuladas de pesquisadores/as da Rede Franco Latino-americana de Psicanálise e Criminologia, bem como sete anos de investigação da cooperação latino-americana, em especial Brasil e Colômbia, para a compreensão e superação de situações críticas de vulnerabilidades, segregação social e mortalidade juvenis. Com isso, estabeleceu relações internacionais entre pesquisas desenvolvidas nas seguintes instituições: Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), Universidad de Antioquia (Colômbia) e a Université de Rennes II (França).

O livro é dividido em quatro seções e composto por nove estudos. A primeira seção, *Adolescência e juventude, trauma e segregação*, apresenta duas conferências. A segunda, *Fundamentos psicanalíticos acerca do trauma e da segregação*, apresenta dois estudos teóricos. A terceira seção, *Trauma e segregação na história de um jovem*, é composta por dois artigos que colocam em discussão o trauma e a adolescência a partir da experiência de escuta de adolescentes em conflito com a lei; ela também aponta para a leitura clínica e política dos *unitermos* juventude, trauma e segregação, acrescentando um novo: o testemunho. Por fim, a quarta seção é composta por três estudos que direcionam a análise do trauma a partir da obra freudiana, oferece novo olhar para a juventude e reconhece a dimensão do gênero como elemento fundamental para se articular ao trinômio que sustenta a obra.

A pesquisa em rede buscou investigar a relação entre as adolescências no Brasil e na Colômbia e suas relações com a criminalidade, cujas dimensões política e subjetiva se mantêm indissociáveis e apresentam a continuidade tal qual evidenciada pela banda de Moebius. Na dimensão política, a segregação foi o elemento norteador da pesquisa, e o trauma, como a dimensão subjetiva, orientou os questionamentos sobre os atravessamentos políticos endereçados à clínica psicanalítica contemporânea.

O ato na adolescência, conforme destaca Lacadée (2011), implica a existência de um tempo em que o agir se encontra amalgamado com o existir. Colocar o corpo em cena, atuar, diz respeito a manifestações marcadas pela violência e pela experiência traumática do encontro com a puberdade, e da não relação sexual.

Sauvagnat (2022) identificou a adolescência como o momento de crise em que todas as sociedades conhecem, criticamente, a noção de crise de adolescência e tentam encontrar distintas formas de lidar com ela. Em diferentes modos, a crise da adolescência, com base na psicopatologia, foi descrita em termos nosológicos e se configurou em epidemias, como: distúrbio de atenção, distúrbio de identidade de gênero, transtorno bipolar, autismo. Essas epidemias evidenciam a relação entre a adolescência a estrutura social.

Diante da crise da adolescência francesa, Sauvagnat (2022) denunciou um fato importante: o silêncio sobre a morte dos adolescentes. O índice de jovens que morrem em acidentes de motocicleta é de 80%: “Na França, ninguém fala disso. É como se isso não existisse. Somos forçados a desdobrar essa questão da segregação social, pois, apesar de tudo, é a adolescência que segrega de si mesma” (SAUVAGNAT, 2022, p. 66).

A divisão do mundo ocidental em países desenvolvidos, de um lado, e país em desenvolvimento, de outro, delinea as fronteiras segregatórias entre norte e sul, e estrutura a divisão histórica entre colonizadores e colonizados. A divisão binária entre natureza e cultura foi fundamental para sustentar as práticas de exploração da Europa sobre o continente Americano, de modo que aquilo que não se aproximava do padrão eurocentrado, na dimensão da cultura, era considerado como selvagem.

Grosfoguel (2016) identificou quatro formas de genocídios pautados no racismo e no sexismo, e por tais articuladores denominou esses massacres como epistemicídios que ocorreram ao longo do século XVI, a saber: os genocídios contra os judeus e muçulmanos na conquista de Al-Andalus, contra os povos nativos das Américas, contra os povos africanos escravizados e contra as mulheres europeias acusadas de bruxaria.

Rastros desse processo podem ser observados no avanço da criminalidade, principalmente nos países latino-americanos, que colocam em cena os corpos de jovens pobres e negros, do sexo masculino e residentes das áreas periféricas dos grandes centros urbanos. O cenário que culmina no avanço das estatísticas de homicídios e mortes por uso de armas de fogo é indicativo de preocupação entre os pesquisadores/as: como produzir um saber-fazer diante dessa realidade? Como a psicanálise pode contribuir como ferramenta de inclusão e reconhecimento da pluralidade da adolescência contemporânea e responder aos endereçamentos políticos que demandam algo da escuta clínica?

Com isso, vemos que o avanço dos alicerces que compõem o sistema de globalização contemporâneo, a partir do avanço do capitalismo sobre o mundo ocidental, hierarquiza as vidas e, tal como a mercadoria, elemento central da lógica econômica, coloca em questão o consumo, as vidas consumíveis e consumidas.

O verbo consumir apresenta alguns sentidos que podem ser destacados na discussão posta entre o traumático e a segregação: alimentar, ingerir, comer, destruir. Como elemento radical do neoliberalismo, o consumo aponta para os processos investigativos sobre os efeitos e atravessamentos da segregação sobre as adolescências existentes, e resistentes ao consumo e a consumação (ROSA, 2010).

O livro em foco, portanto, inclui o olhar centrado para as adolescências plurais que residem nas periferias urbanas e na periferia do mundo globalizado. A sua leitura consiste em movimento de resistência ao efeito produzido pela economia contemporânea que reduz a vida à utilidade econômica e calcula seu valor.

A segregação é apontada como elemento articulador do laço social, da economia e da hierarquização das vidas que, reduzidas a fundamentos econômicos, são descartáveis ou utilizáveis. Com isso, o trauma, como elemento subjetivo, é amarrado às questões geopolíticas e conflitos territoriais que diferenciam as adolescências incluídas e as adolescências excluídas, consumidoras e consumíveis, reconhecidas e não reconhecidas a partir dos efeitos da segregação.

Por sua vez, Macêdo (2022) apresentou essa discussão sintetizada na seguinte argumentação:

No mundo regido pelo par consumidor-produto, as trocas já não parecem orientadas pelo simbólico. Elas adquirem outro estatuto, marcadas pelo tom da satisfação dos imperativos de gozo do momento, são pontuais, efêmeras, múltiplas na aparência, mas unas quanto ao seu cerne: o gozo do Um sozinho (MACÊDO, 2022, p. 215).

Nos territórios marginais, a presença concreta e simbólica do *modus vivendi* do crime e da violência compõe as tessituras sobre as quais as vidas nas favelas urbanas e na periferia do mundo organizam-se como modos de transmissão e filiação fazendo face à dimensão pulsional do púbere. As adolescências, nessa amarração, podem encontrar no objeto criminogênico modos de satisfação e reestruturação das vias de acesso ao gozo, seja como passagem, seja como resolutiva para aderência no estilo de vida oferecido pelo crime.

Lima, Silva e Guerra (2022), que assinam a organização da obra, também são autores/as da mesma, e apresentam uma nova dimensão para o trauma: o político. Nessa dimensão, o trauma se apresenta como contorno de regimes que estabelecem a exceção como identidade de gestão, com a qual as violações de direitos pelo Estado e pela sociedade civil colocam em permanência o perigo, o susto e a desproteção. O trauma político é experimentado como repetição no cotidiano na dimensão do sem sentido, sem contenção e sem enquadre analítico. Desse modo, a direção dada ao trauma deve incluir sua dimensão subjetiva e política, sem que a proposta política recubra a experiência singular de cada jovem.

Os caminhos para pesquisa-intervenção apresentados no livro compõem leitura pormenorizada sobre a técnica psicanalítica e nos conduzem a revisitar os elementos fundamentais da clínica, passando pela interface política, cuja articulação com a pesquisa, a intervenção e os estudos clínicos estruturam modos de saber-fazer da psicanálise na contemporaneidade. Na escuta, o esvaziamento das palavras mediante a experiência traumática é redirecionado pela clínica que testemunha o percurso das adolescências envolvidas com a criminalidade e em situações de vulnerabilidades sociais; além disso, sua dimensão do desamparo psíquico foi, outrora, conjugada ao desamparo generalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA, A. M. C.; SILVA, A. C. D.; LIMA, R. G. (Org.). **Juventudes, trauma e segregação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

GROSFUGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

LIMA, R. G.; SILVA, A. C. Dias; GUERRA, A. M. C. Trauma: uma interface entre psicanálise e política. In: GUERRA, A. M. C.; SILVA, A. C. D; LIMA, R. G. (Org.). **Juventudes, trauma e segregação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 71-94.

MACÊDO, L. F. Juventude e Trauma: A experiência de desenraizamento. In: GUERRA, A. M. C.; SILVA, A. C. D; LIMA, R. G. (Org.). **Juventudes, trauma e segregação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 203-217.

ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. **Revista Psicologia Clínica**, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/tWMWvkkBBPsR8KDn3JhhCGC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SAUVAGNAT, F. R. Conferência adolescência e o traumático: quando se perde a cabeça. In: GUERRA, A. M. C.; SILVA, A. C. D; LIMA, R. G. (Org.). **Juventudes, trauma e segregação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 55-67.

Palavras-chave: adolescências, conflito com a lei, gênero, trauma, segregação.

DATA DE RECEBIMENTO: 28/04/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 10/05/2023

Débora Ferreira Bossa

Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Brasil. Integrante da Réseau International de Recherche en Criminologie et Psychanalyse (Riica). Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: debora.bossa@uemg.br